

O MANGÁ ENCONTRA O CLÁSSICO: *GENJI MONOGATARI* REVISITADO MANGA MEETS THE CLASSIC: *GENJI MONOGATARI* REVISITED

*Linda Midori Tsuji Nishikido*¹
*Michele Eduarda Brasil de Sá*²

RESUMO: Tendo como objeto a versão para o mangá do romance clássico japonês do século XI *Genji Monogatari* (A história de Genji), este trabalho visa apresentar algumas características encontradas nas histórias em quadrinhos, focalizando especialmente os aspectos que envolvem os elementos linguísticos e a linguagem dos recursos iconográficos. A pesquisa se justifica pelo crescimento da popularidade do mangá no Brasil nas décadas recentes, levando à necessidade de pesquisar os elementos utilizados no contexto da adaptação de uma obra clássica para o gênero mangá. *Genji Monogatari* é considerado o primeiro romance da literatura universal em extensão e sua versão completa em mangá, composta de dez volumes, foi publicada em 2008, de autoria da escritora e quadrinhista Waki Yamato, em comemoração aos mil anos da obra. A abordagem teórico-metodológica será conduzida do ponto de vista linguístico-textual, fundamentada nos postulados de Luiz Antônio Marcuschi, Sônia Bibe Luyten e Paulo Ramos.

Palavras-chave: Mangá; Gênerotextual; *Genji Monogatari*.

ABSTRACT: Taking the manga version for the classic Japanese novel *Genji Monogatari* (The Tale of Genji) as research object, the aim of this article is to introduce some basic characteristics found in comics, especially focusing on the aspects involving linguistic elements and iconographic language resources. The research is justified by the growth of popularity towards manga in Brazil in recent decades, leading to the need to search the elements used in the context of the adaptation from a classic book to the manga genre. *Genji Monogatari* is considered the first novel of universal literature (in extension) and its full version in manga, consisting of ten volumes, was published in 2008, authored by writer and comic artist Waki Yamato, celebrating the classic's thousand years anniversary. The theoretical and methodological approach will be conducted from a linguistic-textual perspective, based on the postulates of Luiz Antônio Marcuschi, Sonia Bibe Luyten and Paul Ramos.

Keywords: Manga; Genre; *Genji Monogatari*.

INTRODUÇÃO

Um dos gêneros que vêm ganhando atenção nos estudos linguísticos mais recentes é o das histórias em quadrinhos. Já há algum tempo elas vêm constando de provas de concursos e foram até mesmo incluídas no Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Língua Portuguesa, na modalidade charge e tira (PCN, p. 54). A mudança de *status*, de um gênero outrora proibido e execrado para um gênero não apenas contemplado, mas também transformado em objeto de estudo, nos conduz à realidade das novas apropriações deste gênero nos estudos linguísticos e literários, especialmente se considerarmos o crescimento de seu consumo entre os leitores das mais variadas faixas etárias, situações sociais e zonas de interesse.

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação de Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo. e-mail: l_nishikido@usp.br

² Professora Adjunta da Área de Japonês do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Pós-doutoranda em Estudos Literários (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia.

Ramos (2002, p. 30) propõe um estudo mais aprofundado deste gênero, especialmente relacionado à leitura: “Ler quadrinhos é ler sua linguagem. Dominá-la, mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para uma plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto.”

O termo mangá significa “história em quadrinhos” em língua japonesa e serve para referir-se a qualquer história em quadrinhos (mesmo escrita em qualquer outra língua). No Brasil, entretanto, usa-se este termo de forma mais restrita, com referência apenas às histórias em quadrinhos de origem japonesa (OKA, 2008, p. 176). Os mangás se popularizaram no Japão especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, e ganharam o mundo. No Brasil, as cifras com as vendas deste que por muitos aqui é definido como um subgênero (ou seja, um gênero dentro do gênero “história em quadrinhos”) aumentam a cada ano. No princípio os mangás eram lidos somente pelos imigrantes e seus descendentes, servindo como meio para manter viva a cultura e a língua nipônica mesmo estando longe do país de origem. Hoje, entretanto, a realidade é bem diferente. Grande número de jovens não descendentes já aderiram à leitura desses mangás traduzidos para o português de maneira que a popularização dele tem atraído muitos leitores jovens a procurar o ensino de língua japonesa.

Luyten (2000, p. 40) resume em poucas palavras a razão que leva muitos leitores a procurar o mangá: “os mangás se solidarizam com o leitor”. Isso porque os personagens nele contidos, na sua maioria, são pessoas comuns da sociedade, possibilitando, assim, uma identificação espontânea do leitor que esquece, ainda que momentaneamente, a carga de trabalho, as preocupações diárias, o transporte lotado. Isto funciona como uma “válvula de escape”, permitindo ao leitor sair do mundo real para viver o mundo do personagem, possibilitando, conseqüentemente, alcançar um desejo de satisfação virtual. Além do mais, existem mangás para todos os tipos de gostos, divididos em gêneros, faixas etárias e temas diversificados.

O *corpus* selecionado para esta pesquisa é uma coleção de mangá, composta de dez volumes, baseado no romance japonês *Genji Monogatari* (A história de Genji). Trata-se de uma obra importante da literatura não apenas japonesa, mas universal, pois muitos estudiosos, como Arthur Waley e Edward George Seidensticker (tradutores da obra para o inglês, em 1921 e 1976, respectivamente), consideram-na o primeiro romance do mundo em termos de extensão, tendo em vista que o seu enredo se distribui em 54 capítulos. Escrito no início do século XI, durante o período denominado Heian, por uma mulher de nome MurasakiShikibu, o romance tem sua versão em mangá lançado em 2008 pela editora Kodansha.

Pretende-se, através desta pesquisa, estudar o gênero mangá, por meio da edição de *Genji Monogatari*, abordando alguns de seus recursos e características presentes nos dez volumes da obra escolhida, no contexto da adaptação de uma obra clássica. Trata-se de um estudo linguístico, não propriamente literário, que busca perceber o mangá (como gênero ou subgênero) e as suas características e possibilidades, unindo o que pareceu durante muito tempo uma “leitura casual” à leitura dos clássicos. Para Ramos (2009, p. 17), quadrinhos – de forma geral – não são literatura, embora tenham com ela pontos em comum; antes sua linguagem é autônoma e deve ser estudada como tal.

A abordagem teórico-metodológica será conduzida do ponto de vista linguístico-textual, investigando os signos verbais e visuais utilizados na construção da coerência. Para isto, alguns conceitos-chave são fundamentais, como o de **gênero**, entendido como “tipo relativamente estável de enunciado usado numa situação comunicativa para intermediar o processo de interação” (RAMOS, 2009, p. 16), à luz de Bakhtin, o de **hipergênero**, usado por Dominique Maingueneau para designar um “rótulo” que contém vários gêneros, e o de **relação intertextual**, ou seja, a “presença de um texto em um outro” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 289).

Em se tratando de estudos sobre gêneros textuais, há aproximadamente vinte e cinco séculos Platão e Aristóteles já estudavam esses fenômenos, tentando sistematizá-los. Atualmente, o uso de noções de gêneros textuais tem sido ampliado para diversos ramos de pesquisa, seja na etnografia, sociologia, antropologia, retórica, linguística, cada qual nas tendências discursivas específicas da área. Luiz Antônio Marcuschi (2008, p.147), em seu livro “Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão”, cita as palavras de Swales (1990, p. 33) sobre gêneros, estes usados para referir-se a “...categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Sob a perspectiva da teoria linguística de Bakhtin, Ramos (2010, p.16) define o conceito-chave de gêneros como sendo “tipos relativamente estáveis”. A respeito da perspectiva bakhtiniana, Faraco (2003, p.112) observa, neste conceito, que “Bakhtin está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros e de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras.” Significa dizer que da mesma forma como as atividades humanas são dinâmicas, os gêneros também são flexíveis à ação do tempo, sofrendo constantes transformações, mutações e até hibridização, daí a impossibilidade de uma definição estática.

Desta forma, Marcuschi menciona a complexidade quanto à classificação de gêneros textuais:

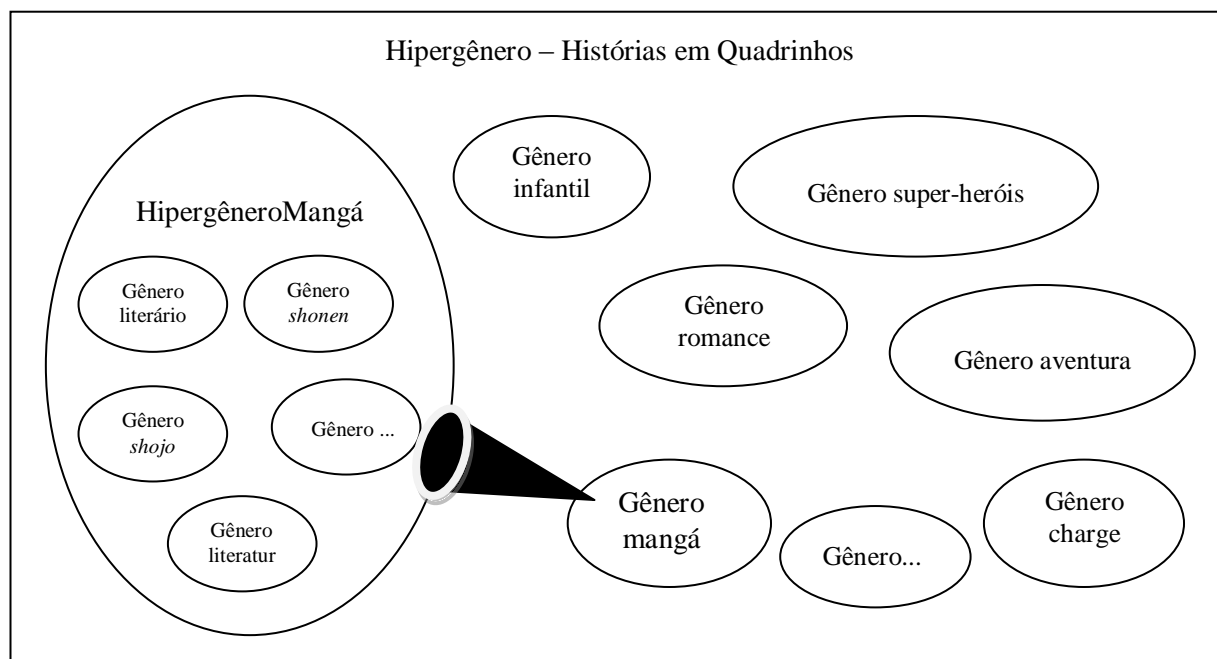
Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso, é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Quanto às histórias em quadrinhos, graças ao crescente estudo linguístico nesta área, hoje fica bem definido que não estão agregadas a outros gêneros. Ramos (2010, p.17) adota uma posição categórica quanto à autonomia das histórias em quadrinhos: “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar elementos narrativos”. A indagação que se torna pertinente é: A história em quadrinhos é *gênero* ou um *hipergênero*³? Hipergênero, segundo Ramos (2002, p.20) seria um grande rótulo “[...] que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades.”Essa dúvida se apresenta relevante à medida que se aprofunda nas pesquisas. Algumas histórias em quadrinhos pertencem ao gênero humor gráfico ou caricatura, pois esta produção está atrelada às de cunho cômico, como charge e tiras; outras são consideradas pertencentes à linguagem jornalística, pois estão sendo publicadas frequentemente em jornais. Independentemente disso, os diferentes gêneros tendem a ser divididos mais pelos temas (aventura, romance, super-heróis, infantil, mangá etc) .

Assim, para Ramos, mangá seria um gênero inserido no hipergênero histórias em quadrinhos, mas seus diversos temas também seriam gêneros (compreendidos como temas), possibilitando deduzir que, ao tratar especificamente o mangá, este seria um hipergênero e os diversos temas explorados por ele (ficção, *shonen*, *shojo*, infantil, didático, literário etc) seriam gêneros. O quadro a seguir possibilita uma melhor visualização da idéia proposta por Ramos:

³ Termo usado por Maingueneau em diversas obras.

Gráfico 1 – Hipergênero e gêneros



Fonte: Elaboração nossa

Observa-se, desta forma, que Ramos utiliza a palavra gênero para dois significados diferentes. Ora ele a usa com o significado de gênero textual propriamente dito (embasado na corrente teórica de Bakhtin), ora com significado de gênero quanto ao tema (aventura, romance, infantil, mangá etc). A presente pesquisa se atém ao conceito de gênero textual tal como definido por Marcuschi:

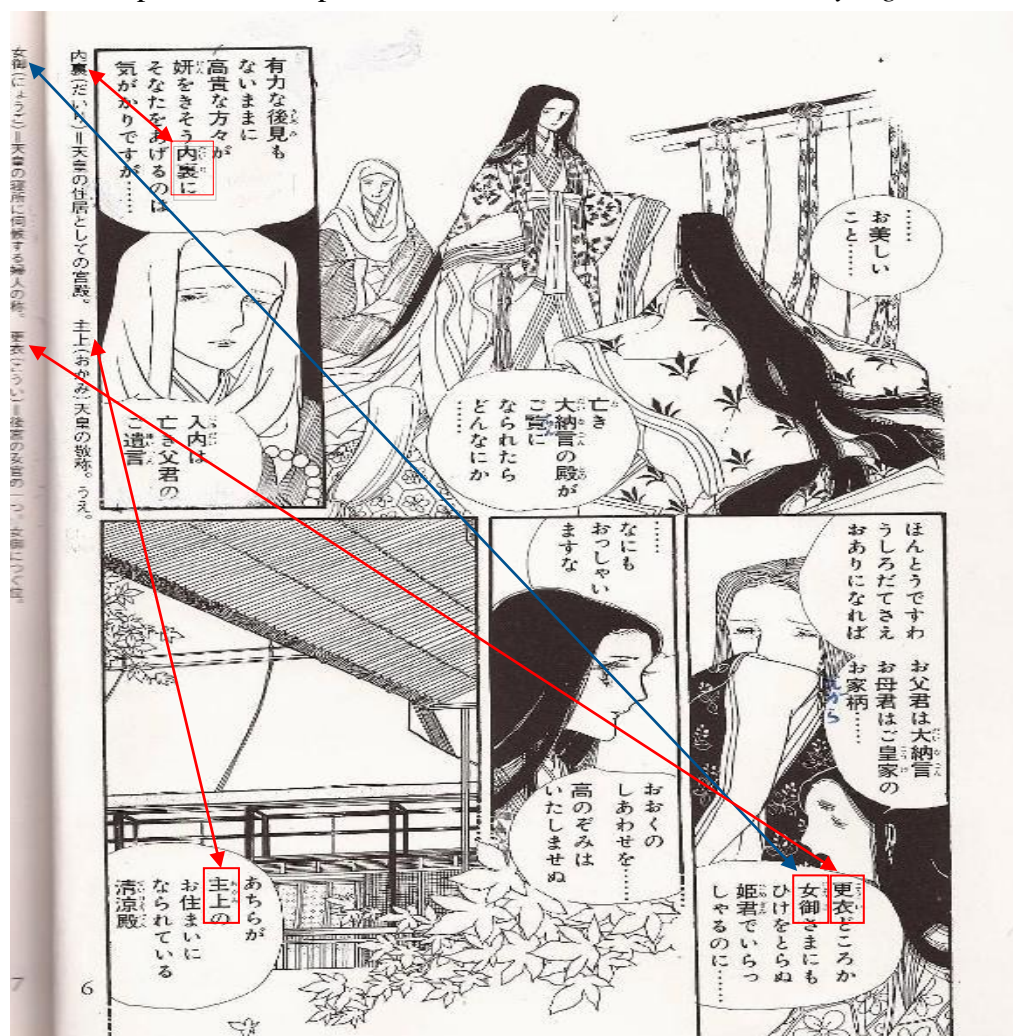
Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2002, p.22-23).

CARACTERIZAÇÃO DO MANGÁ *GENJI MONOGATARI*

Antes de adentrarmos nos estudos do *corpus* selecionado, necessário se faz observar que o objeto de pesquisa está atrelado a alguns fatores específicos, visto que foi produzido com base em um romance do século XI considerado como patrimônio cultural do Japão e do mundo. O primeiro ponto a se destacar é o fato de que o estrangeirismo, muito usado na língua japonesa atual, não aparece em nenhum momento, pois não se tem registro de contato com o ocidente neste período. Assim, a escrita *katakana*, que faz a representação de palavras estrangeiras, só é usada no caso das representações de onomatopeias, ressaltando que a autora teve o cuidado de preservar um estilo de texto tradicional aliado à compreensão do leitor moderno, evidentemente. Tanto que foram acrescentadas notas explicativas para alguns

termos antigos de uso específico ou aquelas de uso restrito atualmente, como na figura 1, em que aparecem as palavras 内裏⁴ (だいら)、主上 (おかみ)、女御 (にょうご)、更衣 (こうい). Além do mais, alguns vocábulos apresentam o auxílio de *furigana* (leitura em *hiragana* – representação fonética – dos *kanjis*), ora a fim de facilitar a leitura, ora para apresentar leituras de *kanji* de uso pouco frequente ou fora do padrão atual.

Figura 1 - Notas explicativas das palavras 内裏 *dairi*, 主上 *okami*, 女御 *nyougo*, 更衣 *koui*



Fonte: (YAMATO, 2008, volume 1, p.6-7)

Há também a necessidade de conhecer alguns elementos relacionados à cultura nipônica para se ter um entendimento integrado do conjunto que compõe desenhos e textos. Luyten chama atenção para isso:

⁴Dairi – palácio residencial do imperador; Okami – Termo utilizado antigamente para o imperador, bem como para o superior; Nyougo – Termo usado antigamente para as damas que cuidavam do aposento do imperador; Koui – Termo usado antigamente para as damas hierarquicamente inferior a nyougo.

[...] as histórias são repletas de elementos simbólicos e de grande variedade de convenções, todas expressas não verbalmente; estabelecem uma comunicação muito íntima entre o artista e o leitor japonês. São códigos de imagens já convencionados ao longo dos anos dentro da cultura japonesa, os quais tem o mesmo peso das palavras. Desconhecendo-se as chaves dessa linguagem, perde-se parte do conteúdo exposto. O desenho de uma cerejeira em flor, cujas pétalas são delicadamente levadas pelo vento, pode provocar, por exemplo, diversas emoções aos olhos ocidentais, mas na tradição japonesa simbolizam a fugacidade da vida [...]. Tanto na língua falada quanto escrita, há usualmente longos preliminares até se chegar ao assunto principal. Qualquer tópico pode ser o início: tempo, amenidades ou comentários sem importância. A conversação japonesa atinge seu objetivo por rodeio de palavras, de maneira bastante descritiva. É justamente a repetição da descrição, de forma monótona e enfadonha, que sugere a importância da mensagem (LUYTEN, 2000, p. 172-173).

A figura 2 apresenta Genji envolto em pétalas de flores de cerejeira, simbolizando a efemeridade da vida: a perda de sua madrasta e seu grande amor Fujitsubo.

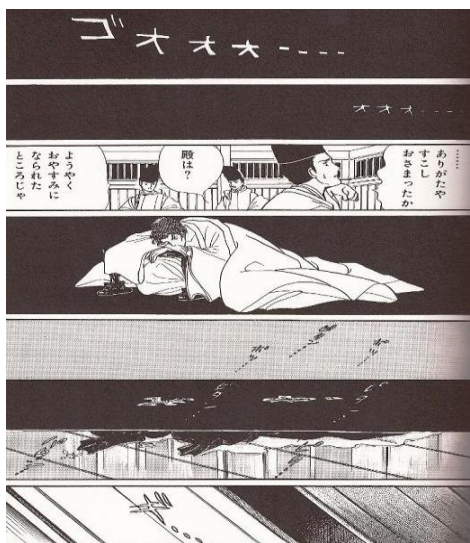
Figura 2 – Genji envolto em pétalas de flores de cerejeira.



Fonte: (YAMATO, 2008, volume 4, p.248)

No *corpus*, foram observadas basicamente quatro fontes de letras: a mais neutra, a fonte *Mincho*, utilizada de modo geral na maioria dos turnos conversacionais; a fonte didática *Kyoukashotai* nos poemas; nas onomatopeias, o estilo *artístico* (grifo nosso), dando realce na imagem (figura 3); na representação do pensamento do personagem com estilo *Gothic*.

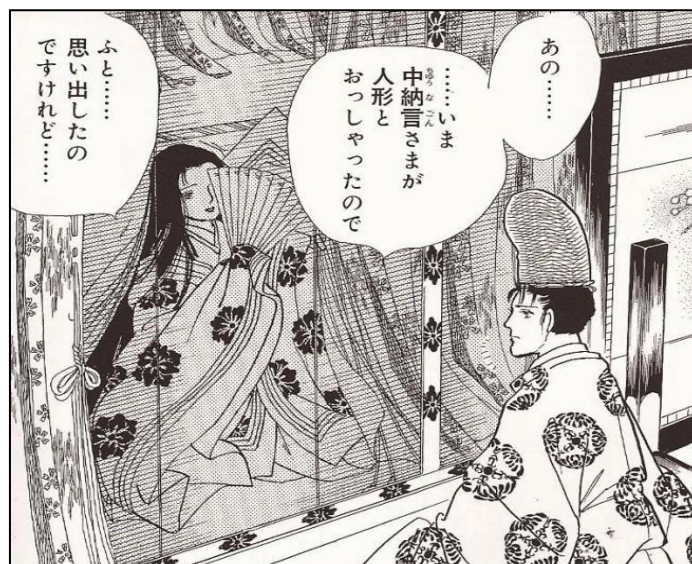
Figura 3 – *gooo--*, *ooo...*, *potsu...*, *pitan...*, *pita...*, *patan...*, *gi...*



Fonte: (YAMATO, 2008, volume 3, p.151)

Nota-se também o uso de *marcadores conversacionais* como 「ほう.....」 (YAMATO, volume3, p.184) *hou*.....equivalente a “hum...”; 「は...」 (YAMATO, volume 3, p.89) *ha*.....equivalente a “que...?”; 「あの.....」 (YAMATO, volume 10, p.54)*anó*.....equivalente a “é que...” (figura 4).

Figura 4 – 「あの.....」 *Anó*.....: elementos de marcadores conversacionais



Fonte: (YAMATO, 2008, volume 10, p. 54)

Outra estratégia muito utilizada em mangá são as onomatopeias. No Japão elas são de uso recorrente não apenas para representar sons, mas para demonstrar movimentos dos

personagens, dos objetos. Sua versatilidade é um recurso de uso frequente dos desenhistas de mangá, sobretudo na linguagem oral, porque possuem valor de:

- a) verbos, quando complementadas com o verbo 「する」 *suru* (fazer, praticar);
- b) adjetivos, como no exemplo 「おなかがぺこぺこです」 *onakagapekokodesu* (“Meu estômago está vazio”), em que *pekopeko* remete à idéia de uma goteira em um espaço vazio;
- c) advérbio, como no exemplo 「あめがザーザーふっています」 *ame gazaazaafutteimasu* (“Está chovendo torrencialmente”) em que *zaaza* remete à idéia de uma enxurrada.

Sônia Luyten revela a importância das onomatopeias na estrutura de comunicação da língua japonesa:

As onomatopéias são tão integradas ao desenho que formam um conjunto visual harmônico. A meu ver, estão inseridas com maior plasticidade no contexto do quadrinho japonês do que no do ocidental. Dessa forma, a tradução das onomatopéias, e sua transliteração para o alfabeto ocidental a fim de transmitir seu sentido, causa rupturas, não só no fluxo visual do desenho como também na estética das páginas em que se encontram (LUYTEN, 2000, p.174)

No mangá *Genji Monogatari*, a predominância da escrita *katakana* nas onomatopeias é notória, mas a autora faz uso também de *hiragana* por questão de estilo, embora pouco frequente. As onomatopeias são representadas na maioria das vezes fora dos balões, diretamente nas vinhetas. A respeito das letras utilizadas, Ramos (2002, p.81) diz que “sua cor, tamanho, formato e até prolongamento adquirem valores expressivos distintos dentro do contexto em que é produzida”.

Quanto à atuação dos personagens nas histórias em quadrinhos, podemos citar como principal característica a expressão facial, cuja combinação de elementos componentes do rosto (olhos, sobrancelhas, bocas), mais os recursos externos denominados de *sinais gráficos*, trazem à cena vida e movimento. No mangá não poderia ser diferente. Embora o personagem principal Genji seja do sexo masculino, é importante frisar que se trata de um mangá classificado como *shojomangá*, isto é, voltado para o público feminino. Luyten aborda sobre as características imagéticas do personagem masculino nos mangás femininos:

[...] os protagonistas masculinos nas revistas para garotas são apresentados de forma femininamente linda. Os heróis são decorativos: na aparência física, distinguem-se pelas roupas e pela estatura um pouco mais elevada do que a das heroínas. No conjunto formam uma representação quimérica do príncipe encantado que poderá chegar a qualquer hora e lavá-las para seu palácio (LUYTEN, 2000, p.78).

Figura 7 – Quadrinhos representativos de tempo, sequência de um antes e depois, separadas por meio de elipse.



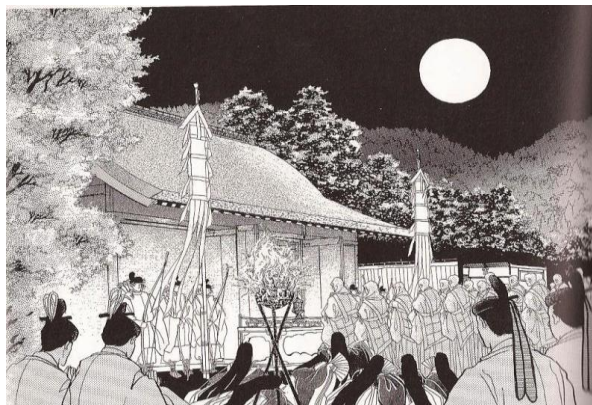
Fonte – (YAMATO, 2008, volume 1, p.156)

Figura 8 – figura representativa do tempo “época histórica”.



Fonte – (YAMATO, 2008, volume 4, p. 4)

Figura 9 - figura representativa do tempo “astronômico”.



Fonte: (YAMATO, 2008, volume 8, p.159)

Figura 10 – quadrinho representativo do tempo meteorológico



Fonte: (YAMATO, 2008, volume 3, p.157)

Convém lembrar que esta categorização não pressupõe a presença de todas essas divisões nas histórias em quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos estudos realizados sobre as histórias em quadrinhos, mais especificamente o mangá, percebe-se que são necessárias pesquisas mais aprofundadas em torno deste gênero, pois sob a multiplicidade de recursos linguísticos e imagéticos aplicados, estão compreendidos vários significados.

A adaptação de uma obra clássica integrada de textos e imagens apresenta-se como sendo mais uma opção positiva de divulgação da literatura, abrindo caminho para estudos paralelos desses gêneros.

O trabalho apresentado aqui é parte da pesquisa de Iniciação Científica realizada de julho de 2011 a junho de 2012, vinculada à Universidade Federal do Amazonas. Foram

apresentados, neste artigo, alguns dos recursos e características do gênero mangá presentes nos dez volumes da edição de *Genji Monogatari*, tendo em vista a sua natureza de adaptação de uma obra clássica. Foram abordados aspectos tais como a representação do tempo, da linguagem (marcadores conversacionais, onomatopeias, linguagem coloquial etc.), do gênero, da posição social, entre outros. Contudo, é apenas um recorte e, levando em conta que se trata de uma obra publicada em dez volumes, muitos outros exemplos poderiam ser apresentados. Dados a natureza e o cronograma da pesquisa, no entanto, limitamo-nos aos exemplos apresentados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC/SEF **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, C. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.

LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OKA, Arnaldo Massato. Tradução e adaptação de mangás para o português. In: **Anais do VI Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil e XIX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa**. Rio de Janeiro: Gráfica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

YAMATO, Waki. **The Tale of Genji, AsakiYumemishi**. Tóquio: Kodansha, 2008.